

RESENHA

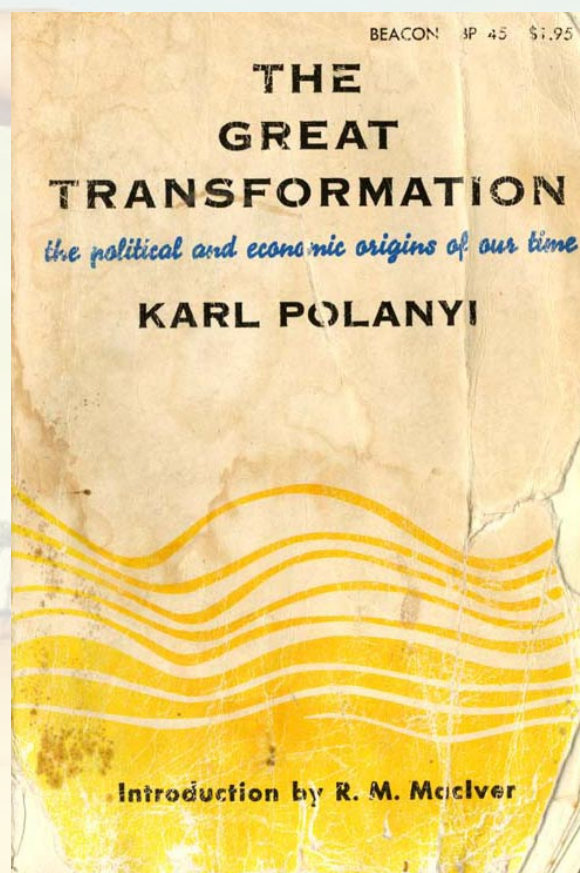
POLANYI, Karl. **A grande Transformação: as origens de nossa época.** Rio de Janeiro: Campus, 1980.

As origens de nossa época na Grande Transformação de Karl Polanyi

The origins of our Time inside Karl Polanyi great changing

Larissa Geórgia Bráulio Moura¹

Uma das mais importantes obras da primeira metade do século XX, *A grande transformação*, apresenta um discurso em defesa da sociedade contra a degradação proporcionada pela Revolução Industrial e o surgimento de uma economia de mercado. Escrita durante a Segunda Grande Guerra Mundial pelo filósofo, antropólogo e economista húngaro Karl Polanyi, o livro evidencia o impacto



causado pelo surgimento de uma economia de mercado para a qualidade da vida social na Europa através de uma comparação com a vida das sociedades primitivas. Segundo o autor, a evolução dos sistemas econômicos até o nascimento da indústria no século XVIII foi a grande responsável pela degradação da vida das pessoas comuns que se viram obrigadas a venderem sua força de trabalho para sobreviverem.

Mas, para chegar a esta conclusão o autor faz um estudo dos sistemas econômicos desde os povos primitivos até o surgimento de uma economia de mercado auto-regulável em meados do século XIX, e sua decadência nos anos 1920/30 nos Estados Unidos e Europa como forma de descrever a desarticulação proporcionada por essa evolução à sociedade. Tal desarticulação, segundo Polanyi, foi proporcionada pelo desenvolvimento econômico não regulado e um crescimento inconsciente ao longo dos séculos.

Capa do original do livro *A Grande Transformação*

¹ Graduada em história pela Universidade Federal de Viçosa, atual aluna do Programa de pós-graduação lato sensu da Evata- Viçosa/MG.

O ritmo da mudança muitas vezes não é menos importante do que a direção da própria mudança; mas enquanto a direção frequentemente não depende de nós, é justamente o ritmo no qual permitimos que a mudança ocorra que pode depender de nós. (POLANYI, 2002, p. 54)

Assim, um desenvolvimento planejado deve estar apto a oferecer novos modos de subsistência caso seja necessário, ou seja, a prover as necessidades econômicas da sociedade, bem como deve ser capaz também de não danificar a substância humana física e moral das pessoas. Um ritmo controlado de desenvolvimento é aquele capaz de ser socialmente sustentável, que não permita, portanto, que a sociedade entre em colapso.

Dentro dessa perspectiva, o autor considera a Revolução Industrial uma catástrofe que ameaçou a vida e o bem estar da Inglaterra. De acordo com Polanyi, foi o progresso, na sua escala mais grandiosa, que acarretou uma devastação sem precedentes nas moradias do povo comum, uma verdadeira avalanche de desarticulação social (ibid.p56). As mudanças acarretadas pelo surgimento das máquinas culminarão em uma economia de mercado auto-regulável em que a mobilização humana muda do caráter subsistência para a motivação do lucro. A partir de então, a substância humana está comprometida pela busca da lucratividade pelos detentores dos meios de produção e pela degradação da mão de obra em mercadoria. O socialismo cristão de Polanyi impregna as páginas de sua obra de desapontamento em relação aos rumos tomados pela humanidade ao longo do desenvolvimento de uma economia comercial que subjugou o povo comum às necessidades impostas pelo mercado.

Assim, Polanyi passa a descrever o sentido de uma economia de mercado auto-regulável e as consequências de sua adoção para a sociedade, em que resume ser uma economia de mercado um sistema auto-regulável de mercados dirigidos pelos preços do mercado e nada além disso. Para tanto, o autor retorna à descrição de sociedade primitiva em defesa da sociedade que ao contrário de Adam Smith, segundo ele, não possui em sua essência a propensão à barganha, permuta ou troca. Segundo ele,

A divisão do trabalho origina-se de diferenças inerentes a fatos como sexo, geografia e capacidade individual e não da propensão do homem de barganhar, permutar e trocar uma coisa pela outra. (...) A mesma tendência que levou a geração de Adam Smith a ver o homem primitivo como inclinado à barganha e à permuta induziu seus sucessores a descartar todo o interesse no homem primitivo, uma vez que já se sabia que ele não se inclinava para essas louváveis paixões. A tradição dos economistas clássicos, que tentaram basear a lei de mercado na alegada propensão do homem no seu estado natural, foi substituída por um abandono de qualquer interesse na cultura do homem “não civilizado” como irrelevante para se compreender os problemas da nossa era (ibid. p61).

A valorização do estudo das sociedades primitivas é importante segundo Polanyi para compreender o homem como um ser social, como um ser que age de acordo com suas necessidades sociais e não de acordo com seus interesses particulares. O estudo das primeiras civilizações permite compreender, dessa forma, que o homem em seus sistemas econômicos age por motivações sociais e não econômicas. A idéia de lucro não está presente em uma sociedade primitiva, por isso discorda de Adam Smith, uma vez que sem motivação de lucro não há propensão à barganha. Não existe o princípio de se trabalhar por uma remuneração; as sociedades primitivas levam a ordem na produção e distribuição através de dois

princípios de comportamento não associados somente à economia: reciprocidade e redistribuição (ibid. p62).

O princípio da reciprocidade diz respeito ao dar e receber baseado na premissa de que se oferece hoje para se ganhar amanhã. Uma comunidade primitiva desenvolve seu trabalho com o intuito de prover todas as famílias que compõem essa sociedade, já que a idéia de bem estar comum se sobressai à idéia de bem estar individual. Deste modo, a divisão do trabalho ocorre através do mecanismo de redistribuição, ou seja, parte do produto de uma atividade de uma determinada família deve ser oferecida em benefício da comunidade.

Outro princípio praticado pelas sociedades primitivas exposto por Polanyi é o princípio da domesticidade que possui a mesma essência dos outros dois, produzir com vista ao bem comum. A domesticidade se difere dos outros por estar ligado a grupos fechados, ou seja, na produção que visa satisfazer as necessidades próprias de determinado grupo. Assim, Polanyi defende que:

Todos os sistemas econômicos conhecidos por nós, até o fim do feudalismo na Europa Ocidental, foram organizados segundo os princípios de reciprocidade, redistribuição ou domesticidade, ou alguma combinação dos três. Dentro dessa estrutura, a produção ordenada e a distribuição dos bens eram asseguradas através de uma grande variedade de motivações individuais, disciplinadas por princípios gerais de comportamento. E entre essas motivações o lucro não ocupava lugar proeminente (ibid.p69).

As motivações ligadas ao lucro encontram lugar quando surgem os mercados e quando a produção passa a ser usada para fins comerciais. Dessa forma, Polanyi evidencia a natureza e o surgimento do mercado, momento em que a economia passa a ser fundamental na vida de uma sociedade. Segundo o autor, o surgimento do sistema mercantilista possibilitou o nascimento de um mercado nacional, quando finalmente este sistema conseguiu acabar com os limites que separavam dois tipos de comércio não competitivos existentes no período medieval, o comércio local e o comércio externo.

Enquanto o mercado local excluiu a possibilidade de trocas com o comércio externo, praticado por estrangeiros, a vida urbana estava protegida da ameaça do capital móvel capaz de dissolver as instituições sociais da cidade. De acordo com o autor:

Isto significa que as cidades levantaram todos os obstáculos possíveis à formação daquele mercado nacional ou interno pelo qual pressionava o atacadista capitalista (...). O mercantilismo eliminou as barreiras que separavam esses dois tipos de comércio (...). A intervenção estatal era chamada agora a lidar com dois perigos estreitamente ligados, os quais a cidade havia contornado com sucesso, a saber, o monopólio e a competição (ibid.p79).

Entretanto, com a consolidação de um mercado nacional, a vida passa a ser regida pelas possibilidades proporcionadas por um novo sistema econômico em que o preço das mercadorias determina sua sobrevivência. A partir do nascimento de uma economia de mercado, terra, trabalho e dinheiro tornam-se também mercadorias, e seu preço é fundamental para a estabilidade de um sistema que se determina agora auto-regulável. Não é o mais o costume ou a intervenção estatal que regulamenta a vida em sociedade, mas sim a auto-regulação do mercado baseada no preço da produção que passa a determinar o modo de vida das pessoas.

O mercado auto-regulável vai se caracterizar, então, pela união de vários mercados, já que para cada elemento da indústria existe um mercado baseado no sistema de oferta e procura, fator determinante para o estabelecimento do preço das mercadorias. As mercadorias, por sua vez, são o que pode ser produzido para a venda e deste modo, dinheiro, terra e trabalho adquirem a denominação proposta por Polanyi de mercadorias fictícias. Segundo o autor, os mercados de trabalho, terra e dinheiro tornam-se essenciais para uma economia de mercado, baseada agora na motivação do lucro.

A vida do homem comum se vê, portanto, desarticulada pelo progresso incontrolável da época moderna que, não tendo em vista o bem estar do trabalhador, proporciona o colapso da condição humana. Conforme Polanyi, *“o capitalismo chegou sem avisar”*, a pobreza aumentou consideravelmente e o progresso se fez à custa do bem estar do povo. O *laisse faire*, ideologia do liberalismo econômico do século XIX, garantia um status do empreendimento que significava a criação de um mercado de trabalho livre, mas ao mesmo tempo a extensão da miséria às vítimas do progresso.

A invenção da maquinaria que economizaria trabalho não diminuiria, mas aumentara a utilização do trabalho humano, a introdução dos mercados livres, longe de abolir a necessidade de controle, regulamentação e intervenção, incrementou enormemente seu alcance. Os administradores deveriam garantir o funcionamento livre do sistema para o estabelecimento do *laisse faire* (ibid.p146).

Mas, para Polanyi, o conceito de um mercado auto-regulável era utópico e seu progresso foi obstruído pela auto-proteção da sociedade. Segundo alguns liberais, foram a intervenção nos preços através de legislações trabalhistas e leis de proteção ao uso da terra que proporcionaram o colapso da economia de mercado auto-regulável. Polanyi defende que mesmo os liberais, grandes patrocinadores de atos legislativos de proteção aos trabalhadores, *“pediam a intervenção do estado de modo a garantir o funcionamento do mercado auto-regulável. Até mesmo o livre comércio e a competição exigiam a intervenção para poderem funcionar.”*

Contudo, os fundamentos do liberalismo, mercado de trabalho e padrão ouro entram em crise nos anos 1920 nos Estados Unidos e Grã Bretanha e a auto-regulação imperfeita posta por Polanyi em vista da proteção aos mercados põe fim ao liberalismo econômico nesses países.

Quer a proteção fosse justificada ou não, a debilidade do sistema mundial de mercado foi trazida à tona pelos efeitos das intervenções. As tarifas de importação de um país dificultavam as exportações do outro e forçavam-no a procurar mercado em regiões politicamente desprotegidas. O imperialismo econômico era principalmente uma luta entre potências pelo privilégio de estender seu comércio aos mercados politicamente desprotegidos. O imperialismo e a preparação semi-consciente para a autarquia eram a inclinação das potências que se encontravam mais e mais dependentes de um sistema crescentemente falível de economia mundial (ibid.p216).

A consequência da situação exposta pelo sistema de mercado foi responsável pelo surgimento de formas carismáticas de poder no século XX, apresentadas à população como a solução ao problema do esvaziamento moral causado pelo liberalismo e pelo estado de bem estar social. A depressão que atingiu a América do norte e a Europa intensificou a ação intervencionista do estado com vistas à proteção do trabalhador, a melhores condições de vida e à retomada do crescimento econômico.

Deste modo, Polanyi apresenta o colapso da economia de mercado, evidenciando que no cerne da transformação estava seu fracasso. O contra movimento posto pela sociedade com vistas à proteção

do próprio sistema rompeu com os princípios da auto-regulação e transformaram o *laisse faire* em uma ideologia de vida que, segundo o autor, jamais existiu. A proteção excessiva foi responsável pelo fim de um sistema que para Polanyi estava fadado ao fracasso desde o começo.

A grande transformação do sistema de mercado levou, portanto, à desarticulação da sociedade e por isso mesmo comprometeu seu próprio funcionamento. Mas, longe das previsões de Polanyi foi o retorno ao sistema que hoje comanda o mundo e ainda espera pela grande transformação que seja capaz de mantê-lo longe do colapso que delimitou o fim do liberalismo econômico criado no século XIX, a Segunda Guerra Mundial.



Figura 2. Karl Polanyi.

Fonte das Ilustrações

1. POLANYI, K. **The great transformation: the political and economic origins of our time.** Boston : Beacon Press, 1944.
2. www.meta-vista.org/?tag=karl-polanyi.

